



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE  
PALMAS CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**FLÁVIA DE JESUS SILVA**

**UM ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A REPRESSÃO EM FREUD E MARCUSE**

Palmas/TO

2022

FLÁVIA DE JESUS SILVA

**UM ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A REPRESSÃO EM FREUD E MARCUSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para obtenção de título de Graduação em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio Gomes Soares

Palmas/TO

2022



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE PALMAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**UM ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A REPRESSÃO EM FREUD E MARCUSE**

FLÁVIA DE JESUS SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Graduada no Curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal do Tocantins.

Aprovado em 10 de fevereiro de 2022

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Paulo Sérgio Gomes Soares  
Orientador e Presidente da Banca

---

Prof. Dr. Leon Farhi Neto  
Membro

---

Prof. Me. Rafael Silva Oliveira  
Membro

Palmas/TO  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S586e *Silva, Flavia de Jesus Silva.*  
*Um estudo introdutório sobre a repressão em Freud e Marcuse. / Flavia de Jesus Silva Silva. – Palmas, TO, 2022.*  
31f.

*Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Filosofia, 2022.*

*Orientador: Paulo Sérgio Gomes Soares Soares*

*1. Filosofia política. 2. Psicanálise. 3. Teoria crítica. 4. Repressão. I. Título*

**CDD 100**

---

*TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.*

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia primeiramente às forças divinas, minha família, orientador, amigos e companheiro. E a todos aqueles que duvidaram da minha capacidade.

## AGRADECIMENTOS

Sou grata a todos os professores que participaram do meu itinerário acadêmico, principalmente ao meu orientador Paulo Sérgio Gomes Soares, por todas as orientações, conversas psicológicas e motivacionais, que mesmo estando em momentos difíceis de pandemia com as orientações remotas sempre foi paciente e atencioso. Muito obrigado de coração.

Aos meus pais Valdete Castro e Valdez de Jesus, que mesmo à distância sempre se importaram com os meus estudos e bem estar, incentivando e apoiando as minhas conquistas sendo a base para que eu nunca desistisse.

A minha avó Maria Angélica Tavares que foi uma das grandes motivações para que eu estivesse vivendo esse momento; mulher quilombola e guerreira que deixou para os seus filhos e netos as suas lutas e a força de vontade para sempre ir em busca de conhecimentos.

Sou grata também aos meus amigos, a Adriane Caldas que marcou essa trajetória, estando ao meu lado desde o início, pessoa que tenho uma enorme admiração e carinho, Luzinaldo Gomes, acadêmico de Filosofia e inspiração, com suas calmas conversas motivacionais. Matheus Glória que sempre me apoiou e me motivou a nunca desistir, com paciência e carinho.

Ao meu companheiro Daniel Panta por seu carinho, atenção e dedicação, que mesmo nos momentos difíceis sempre esteve presente.

Tenho apenas que agradecer a todos, pois nunca me negaram apoio e cumplicidade nessa fase da minha vida. Saibam que nunca irei esquecer todos os consolos e palavras de carinho. Manifesto nessas simples palavras a minha eterna gratidão.

## RESUMO

Historicamente, a repressão é um acontecimento que favoreceu o processo civilizatório, embora constitua um trauma para o ser humano, que acontece desde o nascimento até a morte. A ideia fundamental explorada neste Trabalho de Conclusão de Curso é fazer um breve estudo sobre a repressão com o objetivo de relacionar os pensamentos de Freud e Marcuse para compreender como o corpo social reprime os instintos para, em tese, promover a ordem social e o bem-estar comum, mas contraditoriamente gerando a insatisfação no campo sexual, um mal estar que precisa ser sublimado e que encontra na promessa de felicidade das sociedades capitalistas uma forma de contenção pela introjeção das determinações sociais. A repressão é um conceito freudiano e a introjeção da ordem dominante nas sociedades capitalistas, conforme Marcuse, faz-se por meio da repressão de valores condizentes com a cultura do consumo. O desempenho social é alinhado ao desempenho erótico, pois os indivíduos obedientes às normas sociais podem ser recompensados, ao contrário dos que colocam os impulsos sexuais acima das normas sociais e sofrem mais repressão em função das ações que ferem as normas sociais. Nessa perspectiva, o trabalho é tido como algo essencialmente estratégico nas sociedades capitalistas, no sentido de tornar o indivíduo socialmente produtivo e apto a reproduzir os interesses do mercado e renunciar aos interesses de classe, apegado às ilusões de que vai receber em troca os benefícios sociais e financeiros. Como diz Marcuse, trata-se da troca da liberdade pelo conforto, que não se concretiza para a maioria dos trabalhadores que renunciaram aos instintos. Tendo com clareza o princípio de realidade é incumbido por delimitar os estímulos do id, tornando o indivíduo socialmente adaptado e/ou dominado reproduz a sua existência em estreita relação com a reprodução do sistema capitalista de produção e consumo e sua sociabilidade responde ao que determina o sistema, já que a alienação, gerada pela substituição dos instintos pelas atividades econômicas produtivas, causam uma falsa sensação de satisfação. O TCC discute essas questões, procurando trazer à tona as contradições geradas pelo sistema capitalista, apontando como a repressão tem um papel fundamental para a reprodução social. A Teoria Crítica da sociedade do filósofo frankfurtiano Herbert Marcuse ganha relevo a partir da psicanálise freudiana e sua teoria da repressão. Destacando que o ser humano acaba sendo alienado na sociedade industrial e a repressão ela vem como libido acompanhado de um aperfeiçoamento da força de trabalho feliz, pela composição das falsas necessidades e sociedades afluentes. É nítido que as organizações têm sua parte essencial e repressiva perante esse sistema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia Política. Psicanálise. Teoria Crítica. Repressão. Introjeção.

## **ABSTRACT**

Historically, repression is an event that favored the civilizing process, although it constitutes a trauma for the human being, which happens from birth to death. The fundamental idea explored in this Course Completion Work is to make a brief study on repression in order to relate the thoughts of Freud and Marcuse to understand how the social body represses the instincts to, in theory, promote social order and the good. -being common, but contradictorily generating dissatisfaction in the sexual field, a malaise that needs to be sublimated and that finds in the promise of happiness of capitalist societies a form of containment by the introjection of social determinations. Repression is a Freudian concept and the introjection of the dominant order in capitalist societies, according to Marcuse, is done through the repression of values consistent with the culture of consumption. Social performance is aligned with erotic performance, as individuals who are obedient to social norms can be rewarded, unlike those who place sexual impulses above social norms and suffer more repression due to actions that violate social norms. In this perspective, work is seen as something essentially strategic in capitalist societies, in the sense of making the individual socially productive and able to reproduce the interests of the market and renounce class interests, attached to the illusion that he will receive social benefits in exchange. and financial. As Marcuse says, it is about the exchange of freedom for comfort, which does not materialize for most workers who have renounced their instincts. Having clearly the reality principle, he is responsible for delimiting the stimuli of the id, making the socially adapted and/or dominated individual reproduce his existence in close relation with the reproduction of the capitalist system of production and consumption and his sociability responds to what determines the system, since the alienation, generated by the substitution of instincts for productive economic activities, causes a false sense of satisfaction. The TCC discusses these issues, seeking to bring to light the contradictions generated by the capitalist system, pointing out how repression plays a fundamental role in social reproduction. The Critical Theory of Society by the Frankfurtian philosopher Herbert Marcuse gains importance from Freudian psychoanalysis and his theory of repression. Emphasizing that the human being ends up being alienated in industrial society and repression comes as a libido accompanied by an improvement of the happy workforce, by the composition of false needs and affluent societies. It is clear that organizations have their essential and repressive part in this system.

**KEYWORDS:** Political Philosophy. Psychoanalysis. Critical Theory. Repression. introjection.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Desabafo de uma acadêmica em período de caos pandêmico .....</b>	<b>11</b>
<b>1.    CAPITULO I - SIGMUND FREUD.....</b>	<b>13</b>
1. Freud e o papel da repressão no processo civilizatório .....	13
2. A internalização da cultura como conquista e a reprodução social.....	18
3. As crenças religiosas e a razão de ser da civilização.....	21
<b>2.    CAPITULO II - HERBERT MARCUSE.....</b>	<b>26</b>
1. O uso político do conceito de repressão pelo filósofo Herbert Marcuse.....	26
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>31</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>32</b>

## **Introdução**

Esse Trabalho de Conclusão de Curso se inscreve no campo da Filosofia Política, compreendendo a necessidade de discutir o conceito de repressão no atual contexto das sociedades capitalistas, no que tange às contradições geradas pelo sistema, já que a repressão tem um papel fundamental para a reprodução social.

Diante da necessidade de discussão sobre o conceito de repressão, vimos a possibilidade de pensá-lo a partir de dois autores Freud e Marcuse. O objetivo é mostrar como a repressão, para o pai da psicanálise Sigmund Freud, tornou-se fundamental para o processo civilizatório ao ser internalizada pelo superego, mas também se constituiu num pesado fardo pela renúncia instintual e, como o filósofo frankfurtiano Herbert Marcuse faz uso político desse conceito para a compreensão da cultura do consumo nas sociedades capitalistas.

A Teoria Crítica da sociedade do filósofo frankfurtiano Herbert Marcuse ganha relevo a partir da psicanálise freudiana e sua teoria da repressão. Destacando que o ser humano acaba sendo alienado na sociedade industrial e a repressão ela vem como libido acompanhado de um aperfeiçoamento da força de trabalho feliz, pela composição das falsas necessidades e sociedades afluentes. É nítido que as organizações têm sua parte essencial e repressiva perante esse sistema.

Para Freud, seria possível uma reorganização nas relações humanas, removendo os pontos insatisfatórios para a civilização renunciando à repressão dos instintos, mas a questão esbarra nas riquezas e vantagens que possibilitam as satisfações instintuais e a distribuição desigual dela entre os indivíduos. Marcuse, tal como Freud, acredita que a história do homem é sua repressão. A Repressão é capaz de coagir, tanto sua existência social como a biológica, além dos instintos, constituindo-se em chave para a compreensão da organização social. Por causa dessa repressão é possível a organização social, confirmando a premissa de que a civilização é a luta contra a liberdade do ser humano.

Freud observa a transformação do princípio de prazer em princípio de realidade, já que a obtenção do prazer pelo indivíduo se torna restrita pelas proibições e restrições impostas pela organização social à guisa de repressão, causando no revés uma insatisfação histórica – o mal estar na civilização – devido a privação imposta aos instintos. Diante dessa constatação, uma leitura marcuseana permite dizer que o ser humano busca o prazer e evita o sofrimento, mas deve abdicar do prazer momentâneo pelo prazer adiado, com maior garantia de satisfação. Isso constitui a transformação do princípio de prazer em princípio de realidade, em que o indivíduo aprende que para evitar o risco de sofrimento é necessário restringir os instintos.

A partir da percepção do princípio de realidade suprime os impulsos animais e converte-se em um ego organizado, sabendo distinguir entre o que é certo e errado, buscando realizações que não cause dor e sofrimento, discerne entre o que é falso e verdadeiro, no anseio de evitar prejuízos para si e seu meio vital. Assim, a repressão se tornou um fenômeno histórico. Ela acontece desde o nascimento do ser humano e constitui um trauma para o indivíduo para o resto de sua vida, pois ele é forçado a reprimir os instintos em prol do processo civilizatório. Um dos exemplos de repressão é a hierarquia do pai sobre o filho, que se revela o mesmo poder e dominância da civilização.

A sociedade impõe uma modificação decisiva da estrutura instintiva e coloca em curso uma racionalidade que se projeta como dominante, sobretudo no campo econômico, nas sociedades capitalistas. O indivíduo pode resistir a seu instinto natural de reprodução, por não ter meios capazes de sustentar a vida de seus membros, sem que se torne produtivo socialmente, através da realização de atividades com o devido retorno econômico. Então, o trabalho está em estreita relação com a repressão instintiva como premissa fundamental para reproduzir determinada ordem. Nesse sentido, compreender o conceito de repressão é também compreender como acontece a reprodução social, sobretudo nas sociedades capitalistas.

O trabalho está dividido em quatro seções. A primeira discute o papel da repressão para o processo civilizatório, com foco única e exclusivamente no pensamento freudiano exposto no livro “O futuro de uma ilusão”, cujo debate se estende para a segunda e terceira seção para mostrar como a internalização da cultura representou uma conquista e, da mesma forma, como acontece a reprodução social, abarcando o debate sobre a importância das crenças religiosas e a razão de ser da civilização. Somente na última seção há um desenrolar do pensamento freudiano para o uso político do conceito de repressão pelo filósofo Herbert Marcuse.

### **Desabafo de uma acadêmica em período de caos pandêmico**

O período de graduação não é fácil. Há quem diga que é uma das fases mais difíceis da vida e não discordo. O curso de Filosofia trouxe à tona inúmeras dificuldades, dúvidas e novas descobertas que com o tempo surgiram respostas, mas também trouxe dificuldades que precisaram ser superadas.

O ano de 2020, sobretudo, foi marcado pela pandemia da Covid-19 e veio acompanhado de inúmeras perdas de amigos e parentes, de muitos desafios e incertezas, períodos sem aulas, disciplinas sem professores, aulas remotas e desespero. É como olhar ao redor e sentir que as coisas estavam de ponta cabeça, sentir ansiedade, depressão, *déficit* de

atenção e uma imensa insegurança sobre o futuro, sem saber o que fazer. A cada dia que se passava sem aula (porque não havia nenhuma definição de como seriam as aulas, senão que se deveria seguir as orientações e medidas sanitárias) mais demorava para chegar ao fim a fase da monografia. Ainda em 2020, as aulas remotas tiveram início, junto com estágio remoto. Muitas dúvidas foram surgindo. Será que depois de formados teremos oportunidades, considerando que realizamos boa parte dos estágios de forma remota e com pouca experiência em sala de aula? Vamos sentir insegurança ao dar aula? Enfim, foram inúmeros os questionamentos e dúvidas que temos.

As aulas remotas, por conta da pandemia, também foram marcadas por uma forte coerção psicológica, em que se enfrenta as dificuldades de aprendizagem, a internet oscilando, os barulhos dos vizinhos, o cansaço do trabalho, a falta de paciência com várias disciplinas que não temos identidade, mas são obrigatórias, etc. Tudo leva a pensar que fomos muito prejudicados nesse período e estamos apreensivos com toda situação.

Chegamos na reta final, no oitavo período, e o Trabalho de Conclusão de Curso tem de ser concluído em meio às adversidades. Finalizar o curso e não se sentir pronto, enfrentar a incerteza e a tristeza; triste por ter perdido a oportunidade de vivenciar inúmeras experiências acadêmicas e escolares, bem como convivências que seriam uma fonte de conhecimento para o exercício da profissão. Triste por ter vários colegas que desistiram dos cursos que estavam fazendo, pois tiveram que voltar para casa por conta da caótica situação pandêmica ou não conseguiram se reerguer com a perda de familiares. Ao ler este desabafo, qualquer leitor pode estar se perguntando o que isso tem a ver com o TCC? Trata-se do sonho da formação num curso superior acontecer em meio a tanto sofrimento e ansiedade, acumulando incertezas e medos. A pandemia trouxe vários traumas, a ansiedade foi o pior deles, pois não permitia saber se iria concluir o curso ou quando isso aconteceria, refletindo negativamente no TCC e na vida pessoal. Os bloqueios e a falta de concentração, criatividade e motivação eram frequentes.

As palavras que muitas vezes vinham à mente eram: “desista”, “não consigo”. Isso desmotivava e causava um nervosismo que culminou na compulsão alimentar e na falta de foco, prejuízos mentais difíceis de calcular a longo prazo, mas que não se consegue alinhar ou compor uma linha do tempo do que vem primeiro ou por depois. Quem está fora da academia pode não compreender a situação, mas só quem vivenciou um curso de graduação, em meio à pandemia da Covid-19, sabe descrever como é e com se sentiu. Este é um depoimento que marcou a minha história na universidade.

## 1. CAPITULO I - SIGMUND FREUD

### 1. Freud e o papel da repressão no processo civilizatório

No livro intitulado “O futuro de uma ilusão”, o psicanalista Sigmund Freud (1856-1939) expõe algumas impressões importantes para compreender como o processo civilizatório se desenvolveu ao longo da história, onde o passado, o presente eo futuro se apresentam como perspectivas que permitem a realização de análises e sínteses desse desenvolvimento.

Finalmente, faz-se sentir o fato curioso de que, em geral, as pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo; têm primeiro de se colocar a certa distância dele: isto é, o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro. (FREUD, 1996, p. 04).

Os seres humanos, de maneira geral, avaliam seu passado para tomar decisões com vistas no futuro; essa forma de avaliação é possível pelo conhecimento adquirido e tem como objetivo a busca da satisfação, a compensação pelo pesado fardo da renúncia instintual.

Essa capacidade de análise e síntese acerca das perspectivas históricas da vida social, para Freud (1996), significa que a civilização se eleva acima da condição animal, isto é, diferencia a vida humana. Evidentemente, o autor inclui a capacidade humana de controlar as forças da natureza com o intuito de extrair riquezas e, por conseguinte, obter satisfação. Os indivíduos controlam a natureza, obtêm recursos e riquezas, exigindo a criação de regulamentos que normatizem e/ou ajustem as relações humanas, sobretudo, no que tange a divisão das riquezas socialmente produzidas. Freud salienta que a repressão se fundamenta nos regulamentos para ajustar as relações humanas.

Diante desse pressuposto, o autor aponta que existem duas tendências que se interseccionam nesse processo: 1) as riquezas disponíveis que influenciam na quantidade de satisfação instintual, isto é, interferem na possibilidade de satisfação plena; 2) um indivíduo pode utilizar outro indivíduo para obter riquezas ou mesmo como objeto sexual. Assim, os regulamentos foram criados com vistas na manutenção de uma determinada ordem social dominada por alguns indivíduos que compreenderam que as riquezas podem ser divididas de forma desigual entre todos os indivíduos e, ao mesmo tempo, serem protegidas contra as insatisfações de uma maioria que não é contemplada nessa divisão. “A civilização, portanto, tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa. Visam não apenas a efetuar uma certa distribuição da riqueza, mas também a manter essa distribuição;” (FREUD, 1996, p. 05).

Considerando que a insatisfação da maioria pode gerar a destruição do processo civilizatório, as leis e regulamentos têm o condão de reprimir e colocar os indivíduos cada qual

no seu lugar de acordo com a classe social. “Na verdade, têm de proteger contra os impulsos hostis dos homens tudo o que contribui para a conquista da natureza e a produção de riqueza” (FREUD,1996, p. 05), sobretudo dessa maioria que compõe as classes subprivilegiadas, já que as criações humanas podem ser facilmente destruídas nesse processo por elas. Então, a civilização foi erigida dessa forma, pela imposição das normas, a guisa de repressão, para a manutenção de determinada ordem, causando a impressão de que uma pequena parcela de indivíduos – uma elite - compreendeu como dominar as classes subprivilegiadas partir da repressão.

A sociedade, e a cultura em si, limita os indivíduos com os regulamentos sociais, mas o debate gira em torno do tema natureza *versus* cultura, pois Freud entende que a repressão incide sobre os impulsos naturais, que nascem com cada indivíduo. A inserção social de cada indivíduo se dá pela apreensão das regras e normas impostas culturalmente com vistas na preservação de uma ordem social. Para o autor, a repressão tem um papel fundamental no processo civilizatório.

Embora a humanidade tenha efetuado avanços contínuos em seu controle sobre a natureza, podendo esperar efetuar outros ainda maiores, não é possível estabelecer com certeza que um progresso semelhante tenha sido feito no trato dos assuntos humanos; e provavelmente em todos os períodos, tal como hoje novamente, muitas pessoas se perguntaram se vale realmente a pena defender a pouca civilização que foi assim adquirida. (FREUD,1996, p. 05).

O excerto traz as contradições geradas pelo processo civilizatório. Freud sabe da importância da repressão, mas também sabe que a insatisfação que vem junto pode destruir tudo. Seria possível uma reorganização nas relações humanas, removendo os pontos insatisfatórios para a civilização ao renunciar à repressão dos instintos, considerando as riquezas socialmente produzidas? Essa é a pergunta fundamental. A promessa de felicidade pode se concretizar para todos os seres humanos?

Parece, antes, que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia ao instinto; sequer parece certo se, caso cessasse a coerção, a maioria dos seres humanos estaria preparada para empreender o trabalho necessário à aquisição de novas riquezas. Acho que se tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana. (FREUD,1996, p. 05).

O primeiro ponto importante que se constata na citação é que os indivíduos precisam da repressão para erigir e realizar o controle sobre a natureza pelo trabalho e gerar riquezas, caso contrário, estaria em risco o processo civilizatório pelas tendências destrutivas e antissociais que nascem com cada ser humano. Segue-se daí que a repressão dos instintos e impulsos humanos é essencial para a garantia de uma vida em sociedade, sobretudo para exigir que o trabalho aconteça, e o indivíduo que não segue as normas e regras sociais, deixando-se

levar por seus impulsos intrínsecos e desejos mais profundos, necessita de mais repressão, pois pode causar risco a si mesmo e aos outros.

Expressando-o de modo sucinto, existem duas características humanas muito difundidas, responsáveis pelo fato de os regulamentos da civilização só poderem ser mantidos através de certo grau de coerção, a saber, que os homens não são espontaneamente amantes do trabalho e que os argumentos não têm valia alguma contra suas paixões. (FREUD, 1996, p. 06).

Como se nota, a repressão para o trabalho não pode ser dispensada para efetuar os sacrifícios em prol da civilização, mas cobrando em troca a possibilidade de satisfação instintual, ou seja, cabe aos indivíduos “em seu benefício, a efetuar os sacrifícios referentes ao trabalho e à satisfação instintual que forem necessários para sua preservação” (FREUD, 1996, p. 06).

O segundo ponto foca nos perigos acerca da divisão das riquezas, fator que as normas e regras podem regular. Então, parece que o problema se desloca do campo material e econômico para o mental no sentido de descobrir até que ponto é possível amenizar o peso dos sacrifícios instintuais exigidos dos indivíduos ao renunciarem à liberdade instintual, dado que toda a civilização se erigiu por essa exigência, que envolve o controle das massas, marcadas por não ter amor à renúncia instintual.

O campo econômico acaba escapando do psicológico sem sequer dar conta, pois as vantagens oriundas das riquezas disponíveis e suas formas de distribuição despontam como único problema, embora não seja, considerando que a repressão incide no campo psicológico como forma de produzir a renúncia aos instintos, ficando evidente que a civilização não poderia existir sem ela, nem tampouco a riqueza e a sua distribuição. O controle sobre a natureza pelo trabalho exige os regulamentos culturais impostos à guisa de repressão, embora,

provavelmente uma certa percentagem da humanidade (devido a uma disposição patológica ou a um excesso de força instintual) permanecerá sempre associal; se, porém, fosse viável simplesmente reduzir a uma minoria a maioria que hoje é hostil à civilização, já muito teria sido realizado - talvez tudo o que pode ser realizado. (FREUD, 1996, p. 07).

O objetivo da civilização parece ser tornar o indivíduo produtivo mediante o controle, fazendo-o abster-se de seus instintos e renunciar à busca dos prazeres, mas recompensando-os pelos sacrifícios.

Junto com a riqueza deparamo-nos agora com os meios pelos quais a civilização pode ser defendida: medidas de coerção e outras, que se destinam a reconciliar os homens com ela e a recompensá-los por seus sacrifícios. Estas últimas podem ser descritas como as vantagens mentais da civilização. (FREUD, 1996, p. 07).

Essas vantagens mentais precisam ser esclarecidas, já que os indivíduos sucumbem ao processo, sendo necessário compreender como e por que renunciam aos instintos. A repressão se explicita pela coerção, isto é, por uma espécie de violência que tende a deixar suas marcas

em cada indivíduo, pois gera a “frustração” pelo fato do instinto não poder ser satisfeito; gera a “proibição” na forma de regulamentos que incidem diretamente sobre os desejos, inviabilizando-os e, conseqüentemente, gera a “privação”. Isso tudo parece ser muito ruim para os indivíduos, mas Freud diz que foi assim que se iniciou a separação do homem de sua condição animal primordial, embora essa última ainda prevaleça como parte central da agressividade contra a civilização. Os desejos instintuais renascem em cada criança e o sofrimento diante de sua não realização instintual é um pesado fardo que a humanidade carrega em face da frustração, da proibição e da privação.

Para Freud (1996), todo o processo civilizatório se erigiu a partir da frustração da proibição e da privação, mencionando como exemplo a proibição em relação ao canibalismo, ao incesto e à ancia de matar, como formas de racionalização do comportamento que geraram outras formas de racionalização ao longo do tempo. Em última instância, a repressão desses desejos tornou os indivíduos aptos a diferentes formas de racionalização e garantiu a organização social. A despeito disso,

apenas o canibalismo parece ser universalmente proscrito e - para a opinião não psicanalítica - ter sido completamente dominado. A intensidade dos desejos incestuosos ainda pode ser detectada por detrás da proibição contra eles, e, sob certas condições, o matar ainda é praticado, e, na verdade, ordenado, por nossa civilização. É possível que ainda tenhamos pela frente desenvolvimentos culturais em que a satisfação de outros desejos, inteiramente permissíveis hoje, parecerá tão inaceitável quanto, atualmente, o canibalismo. (FREUD, 1996, p. 08).

A repressão, enquanto um pesado fardo, não se concretiza inteiramente, na verdade gerou o mal estar na civilização. O fato é que a repressão externa, entendida como coerção, é internalizada e/ou interiorizada pelos indivíduos a partir do superego, uma instância mental que Freud define como sendo uma grande vantagem no campo psicológico para a civilização, pois cada criança internaliza os valores sociais e culturais, reproduzindo-os como um ser moral e social.

Dessa forma, os indivíduos passam da condição de anti sociais e anticulturais a veículos da cultura e, quanto maior é o seu número numa unidade cultural, maior será a segurança da organização social, exigindo menos medidas externas da repressão contra os indivíduos. Evidentemente, o nível dessa internalização distingue entre as várias proibições instintas. As exigências culturais se fazem pela internalização, sendo uma conquista da repressão, considerando que boa parte dos indivíduos cumprem os regulamentos e veiculam a cultura, e aqueles em que não se verifica esse “padrão” exigido pela repressão externa, incidem sobre eles as mais diversas formas de coerção e mais repressão.

Há incontáveis pessoas civilizadas que se recusam a cometer assassinato ou a praticar incesto, mas que não se negam a satisfazer sua avareza, seus impulsos agressivos ou seus desejos sexuais, e que não hesitam em prejudicar outras pessoas por meio da

mentira, da fraude e da calúnia, desde que possam permanecer impunes; isso, indubitavelmente, foi sempre assim através de muitas épocas da civilização. (FREUD, 1996, p. 09).

A condição humana é de sociabilidade, mas a repressão é algo que não pode ser evitado pela cultura, de forma que cada indivíduo, ao atender as normas sociais e reprimir os instintos, está obedecendo a cultura e buscando algum benefício, o que não significa que os indivíduos se tornem perfeitos.

## 2. A internalização da cultura como conquista e a reprodução social

Vimos, na seção anterior, que a repressão continua sendo algo necessário para a organização social e mesmo que no decorrer da vida cada indivíduo aprenda as normas sociais e culturais e as veicule, talvez com medo do sofrimento pela coerção externa, o mal estar prevalece, ou seja, não é possível eliminar completamente os instintos pela repressão. Interessante notar em Freud que a cultura não elimina dos indivíduos a condição animal. Então, toda espécie de desejos ligados à satisfação instintual podem aflorar em comportamentos indesejáveis contra si e contra os outros.

Freud menciona, como exemplo, as classes subprivilegiadas, compostas por indivíduos cujas riquezas não permitem a satisfação plena dos desejos instintuais, sempre representando um perigo para a cultura, dado que o trabalho despendido para erigir a civilização não lhes é devidamente compensado. Só carregam o fardo, mas pouco vem em troca, fator que pode ocasionar violência, ameaças e revoltas.

Se uma unidade cultural não foi adiante ao ponto de suprir a promessa de satisfazer as condições mais básicas para os seus participantes, não merece continuar existindo. “Não é preciso dizer que uma civilização que deixa insatisfeito um número tão grande de seus participantes e os impulsiona à revolta, não tem nem merece a perspectiva de uma existência duradoura” (FREUD, 1996, p. 09). Nela, em tese, as pessoas atormentadas desenvolvem uma quantidade maior de agressividade, desejando destruir a cultura, pois o seu trabalho não é recompensado com a cota mínima. Há uma tendência em não aceitar os padrões e as proibições culturais entre as pessoas das classes subprivilegiadas, cuja visão está influenciada pela violência e agressividade por estarem submetidas a condições de exclusão, marginalização e abandonadas nesse processo.

Para o pai da psicanálise, a cultura – a Filosofia, as Artes, a Ciência, etc. -, desenvolvida pelo processo civilizatório numa unidade cultural, expressa as vantagens para a organização social no que tange à satisfação dos indivíduos.

O ponto até o qual os preceitos de uma civilização foram internalizados - ou, para expressá-lo de modo mais popular e não psicológico, o nível moral de seus participantes -, não constitui a única forma de riqueza mental que entra em consideração ao se avaliar o valor de uma civilização. Há, além disso, suas vantagens sob forma de ideais e criações artísticas, isto é, as satisfações que podem ser derivadas dessas fontes (FREUD, 1996, p. 09).

Os indivíduos são inseridos na unidade cultural e internalizam as suas realizações e passam a dedicar esforços para atingir outras realizações que contribuem para a consolidação da unidade cultural, parecendo haver uma convergência entre os dotes internos da cultura e a conjuntura externa vivenciada pelos indivíduos. As realizações culturais perfazem um ideal

que atrai e insere os participantes da cultura, um ideal que Freud atribui uma natureza narcísica – uma espécie de amor próprio em relação às concretizações da cultura. Freud denomina essa manifestação de narcisismo cultural.

O contentamento narcísico proporcionado pelo ideal cultural também se encontra nas forças que atingem o resultado final no combate à agressividade contra a cultura na unidade cultural. Esse contentamento pode ser compartilhado não apenas por classes privilegiadas – as ditas elites –, que gozam das vantagens e das riquezas socialmente produzidas, mas também pelas classes desprivilegiadas, que reproduzem a ordem dominante.

Não há dúvida de que alguém pode ter sido um plebeu infeliz, atormentado por dívidas e pelo serviço militar, mas, em compensação, não deixava de ser um cidadão romano, com sua própria quota na tarefa de governar outras nações e ditar suas leis. Essa identificação das classes oprimidas com a classe que as domina e explora é, contudo, apenas uma parte de um todo maior. Isso porque, por outro lado, as classes oprimidas podem estar emocionalmente ligadas a seus senhores; apesar de sua hostilidade para com eles, podem ver neles os seus ideais. (FREUD, 1996, p. 10).

O excerto traz a principal característica do narcisismo cultural, que é a identificação entre as classes sociais, a identificação entre os opressores e os oprimidos. Essa identificação realça a problemática relacionada à reprodução da ordem dominante, que satisfaz a condição que Freud indicava como sendo a repressão em curso na cultura de cada unidade cultural. “A menos que tais relações de tipo fundamentalmente satisfatório subsistam, é impossível compreender como uma série de civilizações sobreviveu por tão longo tempo, malgrado a justificável hostilidade de grandes massas humanas” (FREUD, 1996, p. 10).

Outro ponto apontado por Freud acerca do narcisismo cultural é que ele ultrapassa fronteiras a ponto das unidades culturais se colocarem como superiores umas às outras pelas conquistas e realizações culturais.

Tornar essa satisfação completa exige uma comparação com outras culturas que visaram a realizações diferentes e desenvolveram ideais distintos. É a partir da intensidade dessas diferenças que toda cultura reivindica o direito de olhar com desdém para o resto. Desse modo, os ideais culturais se tornam fonte de discórdia e inimizades entre unidades culturais diferentes, tal como se pode constatar claramente no caso das nações. (FREUD, 1996, p.10).

Salienta-se o fato do narcisismo cultural explicar o fenômeno do direito de determinada unidade cultural a desconsiderar e maltratar povos estrangeiros, inclusive até as classes subprivilegiadas participam, como citado por Freud, antes ser um plebeu assolado por dívidas, mas ser um cidadão romano, do que ser um bárbaro. Nota-se a existência, nesse caso, de uma gratificação conferida pela pretensa superioridade da unidade cultural que permite aos indivíduos reproduzirem a tirania e os infortúnios sofridos dentro da sua unidade cultural. Evidentemente, como também se nota, pode haver traços de xenofobia no narcisismo cultural

entre as unidades culturais, embora Freud não indique isso no texto. O fato é que pode haver discordâncias entre as unidades culturais.

Certo tipo diferente de realização é gerada aos membros de uma unidade cultural por meio da arte, por mais que ela seja inviabilizada para as massas alijadas pelo trabalho esgotante e que não tiveram acesso pleno à educação. Nesse sentido, diz-se que a satisfação narcísica está em estreita relação com as artes. “[...] As criações da arte elevam seus sentimentos de identificação, de que toda unidade cultural carece tanto, proporcionando uma ocasião para a partilha de experiências emocionais altamente valorizadas” (FREUD, 1996, p. 10).

Como já foi descoberto a um tempo, a arte concede contentamentos substitutivos para as renúncias mais profundas e antigas, com isso ela serve para harmonizar o homem com os sacrifícios que têm que ser feitos em prol da civilização.

### 3. As crenças religiosas e a razão de ser da civilização

Freud destacou que a agressividade para com a civilização foi fabricada pela repressão em face da rejeição do instinto requisitado. O autor traz exemplos interessantes para problematizar a possibilidade de viver sem repressão. Se os indivíduos vivessem sem nenhum tipo de repressão instintual, supondo-se que qualquer indivíduo pudesse tomar para si a mulher que desejasse a qualquer momento como objeto sexual, eliminando do caminho qualquer pretensão rival; se fosse possível se apropriar dos bens alheios de qualquer outro homem sem pedir permissão, etc., “logo nos deparamos com a primeira dificuldade: todos os outros têm exatamente os mesmos desejos que eu, e não me tratarão com mais consideração do que eu os trato” (FREUD, 1996, p. 11).

Provavelmente, regressaremos ao estado de natureza, pois todos os indivíduos agiriam da mesma forma uns com os outros, de maneira que inviabilizaria qualquer relação social e, por conseguinte, o processo civilizatório.

Contudo, a percepção das consequências em relação às atitudes agressivas e destrutivas contra a cultura oriundas da realização dos desejos, em função da repressão, tornou os indivíduos capazes de suprimir os instintos e prezam por sua preservação e Freud aponta que existem recursos que promovem uma compensação, como vantagem mentais, que auxiliam no processo civilizatório, como é o caso da religião. As

ideias religiosas no sentido mais amplo - são prezadas como o mais precioso bem da civilização, como a coisa mais preciosa que ela tem a oferecer a seus participantes. São muito mais altamente prezadas do que todos os artifícios para conquistar tesouros da terra, prover os homens com o sustento, evitar suas doenças, e assim por diante. (FREUD, 1996, p. 14).

Esta seção versa sobre isso e procura expor o que Freud pensa sobre a religião em estreita relação com o processo civilizatório, embora fique claro que a religião é um artifício, uma criação humana que serve bem à civilização. Seria um esforço em vão destruir a civilização para voltar ao estado de natureza, dado que este último seria mais difícil de suportar, pois a natureza é implacável.

Ela nos destrói, fria, cruel e incansavelmente, segundo nos parece, e, possivelmente, através das próprias coisas que ocasionaram nossa satisfação. Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être* real, é nos defender contra a natureza. (FREUD, 1996, p. 11).

A razão de ser da civilização é proteger os indivíduos da força implacável da natureza, já que não se pode ter a ilusão de que a natureza pode ser totalmente controlada ou achar que se pode subordiná-la por completo. A terra treme e ceifa vidas, as chuvas torrenciais inundam

e eliminam plantações, gerando fome e morte, as doenças se tornam epidemias e pandemias e matam milhares de pessoas, dentre outras formas de catástrofes que assolam a humanidade. Contra a morte não há remédio.

É com essas forças que a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel e inexorável; uma vez mais nos traz à mente nossa fraqueza e desamparo, de que pensávamos ter fugido através do trabalho de civilização. Uma das poucas impressões gratificantes e exaltantes que a humanidade pode oferecer, ocorre quando, em face de uma catástrofe elementar, esquece as discordâncias de sua civilização, todas as suas dificuldades e animosidades internas, e se lembra da grande tarefa comum de se preservar contra o poder superior da natureza. (FREUD, 1996, p. 11).

A civilização se une para lutar contra as forças da natureza. As unidades culturais ajudam em momentos difíceis. Ainda assim, Freud aponta outro ponto de insatisfação que gera a infelicidade, cuja origem são as próprias relações humanas - o sofrimento vem na companhia de outros homens.

Poder-se-ia supor que essa condição das coisas resultaria num permanente estado de ansiosa expectativa presente nele e em grave prejuízo a seu narcisismo natural. Já sabemos como o indivíduo reage aos danos que a civilização e os outros homens lhe infligem: desenvolve um grau correspondente de resistência aos regulamentos da civilização e de hostilidade para com ela. (FREUD, 1996, p. 12).

A pergunta freudiana é a seguinte: como a civilização pode se defender contra os poderes superiores da natureza que a ameaçam, da mesma forma que a tudo mais, em especial, as relações humanas? Para ele, a resposta perpassa pela humanização na natureza e pela substituição/compensação/sublimação para que os indivíduos aceitem o processo civilizatório e renunciem a violência instintual. Assim,

um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com quem pode associar-se como com seus iguais - pois isso não faria justiça à impressão esmagadora que essas forças causam nele -, mas lhes concede o caráter de um pai. Transforma-as em deuses, seguindo nisso, como já tentei demonstrar, não apenas um protótipo infantil, mas um protótipo filogenético. (FREUD, 1996, p.12).

Trata-se de uma forma, portanto, de reaver o controle e eliminar o estado de abandono, que era o semelhante ao de uma criança recém nascida dependente dos pais, mas sentindo medo do pai, cuja comparação se projeta na proteção contra os riscos que os indivíduos experimentam durante a vida.

Talvez ainda nos achemos indefesos, mas não mais desamparadamente paralisados; pelo menos, podemos reagir. Talvez, na verdade, sequer nos achemos indefesos. Contra esses violentos super-homens externos podemos aplicar os mesmos métodos que empregamos em nossa própria sociedade; podemos tentar conjurá-los, apaziguá-los, suborná-los e, influenciando-os assim, despojá-los de uma parte de seu poder. Uma tal substituição da ciência natural pela psicologia não apenas proporciona alívio imediato, mas também aponta o caminho para um ulterior domínio da situação. (FREUD, 1996, p. 12).

Nesse ponto as crenças e a religião despontam como uma muleta para auxiliar no processo civilizatório, permitindo uma conciliação entre o homem e a natureza. Percebe-se que

a preservação social é tão importante para o ser humano quanto à preservação da natureza, pois a civilização concede proteção e a terra é o lugar onde habita. Embora,

o desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs. (FREUD, 1996, p.13).

A civilização e a vida social podem fornecer compensações, mas há que se ter em vista a própria fragilidade das criações humanas, de forma que os sofrimentos humanos e defeitos da civilização sejam alvos constantes do interesse das diferentes áreas do conhecimento científico.

Alvoreceu a noção, no povo mais bem dotado da Antiguidade, de que Moira [o Destino] alçava-se acima dos deuses e que mesmo estes tinham os seus próprios destinos. E quanto mais autônoma a natureza se tornava e quanto mais os deuses se retiravam dela, com mais seriedade todas as expectativas se dirigiram para a terceira função deles, ou seja, mais a moralidade tornou-se o seu verdadeiro domínio. Ficou sendo então tarefa dos deuses nivelar os defeitos e os males da civilização, assistir os sofrimentos que os homens infligem uns aos outros em sua vida em conjunto e vigiar o cumprimento dos preceitos da civilização, a que os homens obedecem de modo tão imperfeito. Esses próprios preceitos foram creditados com uma origem divina; foram elevados além da sociedade humana e estendidos à natureza e ao universo. (FREUD, 1996, p. 13).

Então, os indivíduos estão diante de uma natureza autônoma e não estão livres dos deuses, cabendo ao próprio processo civilizatório construir os caminhos para uma possível existência humana com menos interferência dos instintos destrutivos (se diz menos interferência, porque não é possível abolir completamente os impulsos destrutivos que nascem em cada criança, e esse é o mal estar da civilização), incluindo a religião como parte desse processo para minimizar os impactos do abandono de sua infância e da infância da humanidade.

Contra as ameaças da natureza se erigiu a civilização e contra o destino implacável e a morte criou-se um artifício – a religião -, que não estabelece regressão ao inconsciente e sim um novo início de vida evoluindo para algo maior. A crença de que todo o bem acaba sendo compensado e o mal é castigado, conformando uma moralidade que tem auxiliado na renúncia instintual, constituindo-se numa muleta importante para o processo civilizatório. Por trás há sempre a promessa de um início logo depois da morte.

Dessa forma, todos os pânicos, anseios e desigualdades da vida social estão fadadas a se diluir, tendo em vista que depois da morte, a vida que dá continuidade traz sempre a promessa de algo melhor em função da condução do homem à perfeição, que provavelmente não foi atingida no plano anterior.

O conhecimento eminente que conduz esse curso dos elementos, o altruísmo imenso que nela (a religião) se expõe, a lei que alcança seu propósito, os preceitos divinos que ela alcança são as particularidades dos seres divinos que conduzem os indivíduos no mundo.

O povo que pela primeira vez alcançou êxito em concentrar assim os atributos divinos não ficou pouco orgulhoso de seu progresso. Descerrara à vista o pai que sempre se achava oculto por detrás de toda figura divina, como seu núcleo. Fundamentalmente, isso constituía um retorno aos primórdios históricos da ideia de Deus. Agora que este era uma figura isolada, as relações do homem com ele podiam recuperar a intimidade e a intensidade do relacionamento do filho com o pai. Mas, já que se fizera tanto pelo próprio pai, desejava-se obter uma recompensa, ou, pelo menos, ser o seu filho bem amado, o seu Povo Escolhido. (FREUD, 1996, p. 14).

As fantasias religiosas mencionadas na citação, obviamente, passaram por um longo curso de evolução entre as várias unidades culturais, mas continuam sendo relevantes para o processo civilizatório, mesmo porque os indivíduos prezam a vida religiosa como o maior tesouro que se possa conquistar, pois ela atribui um significado à vida, mesmo em face das dificuldades. “As pessoas sentem que a vida não seria tolerável se não ligassem a essas ideias o valor que é para elas reivindicado. E é aqui que surge a questão: o que são essas ideias à luz da psicologia? De onde derivam a estima em que são tidas? E, para dar mais um tímido passo, qual é seu valor real?” (FREUD, 1996, p. 14).

Para Freud, um dos fundamentos das ideias religiosas é a necessidade de fomentar a satisfação humana – atuando como fator preponderantemente psicológico na formação de uma moralidade -, bem como pela necessidade de proteção contra as forças da natureza. Acrescenta ainda que elas têm o condão de corrigir as falhas da civilização em face das dificuldades humanas. São ideias milenares que já estão consolidadas como parte da cultura das unidades culturais e que são introjetadas nos indivíduos para suprir a incapacidade em não conseguir descobrir por si próprio e nem de suportar a realidade sem a religião.

Aquilo em que ele está ingressando constitui a herança de muitas gerações [...]. A sensação de estranheza [...] talvez se deva em parte ao fato de esse corpo de ideias religiosas ser geralmente apresentado como revelação divina. Contudo, essa própria apresentação faz parte do sistema religioso e ignora inteiramente o desenvolvimento histórico conhecido dessas ideias e suas diferenças em épocas e civilizações diferentes. (FREUD, 1996, p.15).

A maioria dos indivíduos desconhece o fato de que a humanização da natureza se originou da necessidade de pôr fim ao abandono diante das suas forças e que a religião reconcilia o homem com a natureza.

É-lhe natural, algo inato, por assim dizer, projetar exteriormente sua existência para o mundo e encarar todo acontecimento que observa como manifestação de seres que, no fundo, são semelhantes a ele próprio. É seu único método de compreensão. E de modo algum trata-se de algo auto-evidente, mas, pelo contrário, de uma coincidência notável, que, cedendo assim à sua disposição natural, consegue satisfazer uma de suas maiores necessidades. (FREUD, 1996, p. 15).

A relação entre o desamparo infantil e a repressão pela moralidade religiosa é notável. Para a psicanálise a criação da religião foi algo necessário, embora o ser humano em pleno

crescimento esteja fadado a ser uma criança para sempre, que nunca vai poder ficar sem proteção do pai.

Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as conseqüências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer - reação que é, exatamente, a formação da religião. (FREUD, 1996, p. 17).

Enfim, com o apoio da psicologia é possível entender como os conceitos religiosos passam a fazer parte da vida. A religião traz aprendizados e pensamentos sobre acontecimentos e situações da existência sendo externa ou interna, que mostra coisas que não percebemos por si próprias e que exige aceitar a doutrina, “visto nos fornecerem informações sobre o que é mais importante e interessante para nós na vida, elas são particular e altamente prezadas” (FREUD, 1996, p. 17).

Para Freud (1996), as ideias e/ou doutrinas religiosas fazem parte da cultura. Porém, “trata-se de um novo problema psicológico. Devemos perguntar onde reside a força interior dessas doutrinas e a que devem sua eficácia [...]” (FREUD, 1996, p. 20).

## 2. CAPITULO II - HERBERT MARCUSE

### 1. O uso político do conceito de repressão pelo filósofo Herbert Marcuse

Nessa seção o objetivo é tecer uma reflexão filosófica sobre o conceito de repressão a partir do pensamento do filósofo frankfurtiano Herbert Marcuse (1898-1980), pois ele faz uso político desse conceito e aplica à Teoria Crítica da sociedade, apresentando uma crítica contundente (sobretudo) às sociedades capitalistas.

Freitag (1988) afirma que a Escola de Frankfurt designa tanto uma escola de pensamento – uma teoria social - quanto os intelectuais que fizeram parte de sua constituição, no caso, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Eric Fromm, dentre outros. A Teoria Crítica desenvolvida pela Escola de Frankfurt vincula o pensamento freudiano com o marxismo, procurando “refletir sobre a interação entre a dinâmica psíquica do indivíduo e as condições sociais e políticas das sociedades em que vivem esses indivíduos” (FREITAG, 1988, p. 18).

Marcuse é um filósofo cuja síntese do pensamento é devedor do conceito de repressão freudiano. No livro intitulado “Eros e civilização”, o autor diz que a história do homem se fundamenta na repressão, um artifício capaz de coagir tanto a existência social quanto a biológica, além da estrutura instintiva, constituindo-se no ponto chave para a dominação política do sistema capitalista, considerando a introjeção dos valores socioculturais e renúncia instintual compensados pelo consumo e padrão de vida crescentes. No pensamento freudiano, trata-se das realizações que contribuem para a consolidação da unidade cultural, que Marcuse vê como dominação política. Então, a repressão é um fenômeno histórico, mas ganhou dimensões incomensuráveis no sistema capitalista de produção e consumo.

A repressão acontece desde o nascimento do ser humano e segue até o fim da vida como um trauma, justificado e forçado pela cultura como forma de reprimir os instintos, mas compensando os indivíduos de alguma forma. No caso das sociedades capitalistas, Marcuse aponta que elas impõem uma modificação decisiva não somente na estrutura instintiva pela introjeção no superego da cultura do consumo, mas na estrutura das próprias classes sociais: burgueses e proletários.

No capitalismo são as duas classes básicas, mas o sistema “alterou a estrutura e a função dessas duas classes de tal modo que elas não mais parecem ser agentes de transformação histórica” (MARCUSE, 1967, p. 16), pois minou os antagonismos entre elas e as possibilidades de transformação qualitativa na estrutura social. O autor denuncia a alteração na ação política, sobretudo, da classe trabalhadora que deixou de ser veículo de transformação social para servir à preservação do *status quo* dominante. “Segundo os teóricos de Frankfurt, essa classe teria

perdido a consciência de sua missão histórica , submetendo-se a formas de dominação e exploração contrárias ao seu interesse emancipatório” (FREITAG, 1988, p. 14). Por isso é tão importante a teoria da repressão freudiana para os frankfurtianos, porque permite compreender os motivos psicológicos envolvidos na submissão.

De certa forma, também evidencia o que Freud (1996) apontou como característica do narcisismo cultural, que é a identificação entre as classes sociais, a identificação entre os opressores e os oprimidos. O trabalhador se identifica com o patrão por fatores psicológicos bem delineados, sobretudo no que se refere à possibilidade de consumo. Porém, Marcuse (1967, p. 29) salienta que

[...] a chamada igualação das distinções de classe revela sua função ideológica. Se o trabalhador e seu patrão assistem ao mesmo programa de televisão e visitam os mesmos pontos pitorescos, se a datilógrafa se apresenta tão atraentemente pintada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, essa assimilação não indica o desaparecimento das classes, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem à preservação do Estabelecimento é compartilhada pela população subjacente. (MARCUSE, 1967, p. 29).

O modo capitalista de produção e consumo tornou a luta pela existência um processo que coincide com a reprodução do sistema, de modo que os indivíduos ao reproduzir a sua existência pelo trabalho, reproduzem o sistema também pelo consumo. Os indivíduos se tornaram socialmente produtivos para atender às exigências repressivas do sistema. Isso acontece da seguinte forma, a partir do conceito de introjeção pelo superego das determinações externas:

Introjeção sugere uma variedade de processos relativamente espontâneos pelos quais um Eu (Ego) transfere o ‘exterior’ para o ‘interior’. Assim, a introjeção subentende a existência de uma dimensão interior, distinta e até antagônica das exigências externas – uma consciência individual e um inconsciente individual separados da opinião e do comportamento públicos. A ideia de ‘liberdade interior’ tem aqui sua realidade: designa o espaço privado no qual o homem pode tornar-se e permanecer ‘ele próprio’. (MARCUSE, 1967, p. 30).

Pelo excerto, fica evidente que o indivíduo deixa de ser “ele próprio” quando as suas faculdades mentais passam a sofrer as influências das determinações externas para torná-lo apto a reproduzir o sistema e eliminar de si qualquer crítica social. Marcuse diz que as sociedades capitalistas são unidimensionais, por isso inviabilizam a crítica pela compensação diante da cultura do consumo, ascensão social e padrão de vida crescente. Explica porque a classe trabalhadora renunciou ao seu destino histórico, por motivos psicológicos e por ser alvo de uma engenharia social que promove a dominação política e tecnológica.

Marcuse faz uma interpretação filosófica do pensamento freudiano, buscando expor de forma política o papel da repressão na cultura. Em Freud (1996), observa-se que as principais camadas da estrutura mental são o id, o ego e o superego. A camada mais antiga – o id - abriga

os instintos primários e é oposta aos princípios e formas que tornam o indivíduo socialmente consciente, além de ignorar os valores morais para manter somente o princípio do prazer (MARCUSE, 1966). Por sua vez,

o principal papel do ego é coordenar, alterar, organizar e controlar os impulsos instintivos do id, de modo a reduzir ao mínimo os conflitos com a realidade, reprimir os impulsos que sejam incompatíveis com a realidade, reconciliar outros com a realidade, mudando o seu objeto, retardando ou desviando a sua gratificação, transformando o seu modo de gratificação, amalgamando-os com outros impulsos etc. Dessa maneira, o ego destrona o princípio de prazer, que exerce indiscutível influência sobre os processos do id, e substitui-o pelo princípio de realidade, que promete maior segurança e maior êxito. (MARCUSE, 1966, p. 48).

Então, o princípio de realidade substitui o princípio de prazer configurando a realidade a partir das gratificações,

visto que o princípio de realidade faz desse processo uma série infindável de desvios, o ego sente a realidade como algo predominantemente hostil, e a atitude do ego é, portanto, preponderantemente defensiva. Mas por outra parte, como a realidade, por via desses desvios, fornece a gratificação (embora se trate, apenas, de uma gratificação modificada), o ego tem de rejeitar aqueles impulsos que, se gratificados, destruir-lhe-iam a vida. A defesa do ego é, pois, uma luta em duas frentes. (MARCUSE, 1966, p. 48).

O ser humano busca o prazer e evita o sofrimento e, para isso, abdicar do prazer momentâneo pelo prazer adiado, com maior garantia de satisfação. Isso é a transformação do princípio de prazer em princípio de realidade, em que o indivíduo aprende que, pelo risco de sofrimento, é necessário restrições em relação às suas necessidades instintivas.

O princípio de realidade, diz Marcuse (1966), suprime os impulsos animais e converte-se em um ego organizado, ou seja, pela repressão dos desejos e impulsos se torna possível a organização social, confirmando a premissa de que a civilização nada mais é do que a luta contra a liberdade do ser humano.

A partir do desenvolvimento do ego outra camada é formada, denominada de superego. Ela está diretamente ligada aos primeiros dias de vida social e cultural do indivíduo pela influência dos pais e do meio externo, solidificando (gradualmente) uma estrutura mental que julga o que é moral e o que não é.

[...] as restrições externas que, primeiro, os pais e, depois, outras entidades sociais impuseram ao indivíduo são introjetadas no ego e convertem-se na sua consciência; daí em diante, o sentimento de culpabilidade a necessidade de punição, gerada pelas transgressões ou pelo desejo de transgredir essas restrições (especialmente, na situação edípica) impregna a vida mental. De modo geral, o ego efetua as repressões a serviço e a mando do seu superego. Contudo, as repressões cedo se tornam inconscientes, como se fossem automáticas, e uma grande parte do sentimento de culpa mantém-se inconsciente. (MARCUSE, 1966 p. 49)

O superego permite que o indivíduo analise as situações e eventos da vida e as ações a serem tomadas ou evitadas. É onde o princípio da realidade se faz presente e, no caso, a

repressão entra em cena a partir de dois princípios. 1) Princípio de mais-repressão, que está relacionado às restrições sociais para que o indivíduo seja inserido e aceito socialmente. Esse princípio promove a substituição dos instintos primários por instintos de preservação, aumentando a gratificação. “O poder de restringir e orientar os impulsos instintivos, de transformar as necessidades biológicas em necessidades e desejos individuais, em vez de reduzir, aumenta a gratificação, [...] transforma a necessidade cega de satisfação de uma carência numa gratificação desejada” (MARCUSE, 1966 p. 53). Em suma, cai como uma luva para a sociedade do consumo, que visa gratificar os indivíduos com produtos e mercadorias; 2) Princípio de desempenho, que constitui a forma histórica predominante do princípio da realidade, pressupõe que o indivíduo é satisfeito pela realização de atividades produtivas impostas pela sociedade. Porém, o trabalho enrijece o indivíduo em relação aos impulsos libidinais e torna-o alienado para atender às exigências do sistema, ou seja, cria uma falsa noção de satisfação que podem coincidir com as próprias faculdades e desejos individuais.

[...] a energia instintiva assim retraída não se acumula (insublimada) nos instintos agressivos, porque a sua utilização social (no trabalho) sustenta e até enriquece a vida do indivíduo. As restrições impostas à libido parecem tanto mais racionais quanto mais universais se tornam, quanto mais impregnam a sociedade como um todo. Atuam sobre o indivíduo como leis objetivas externas e como uma força internalizada: a autoridade social é absorvida na consciência e no inconsciente do indivíduo, operando como seu próprio desejo, sua moralidade e satisfação. No desenvolvimento normal, o indivíduo vive a sua repressão livremente como sua própria vida: deseja o que se supõe que ele deve desejar; suas gratificações são lucrativas para ele e para os outros; é razoavelmente e, muitas vezes, exuberantemente feliz. Essa felicidade, que ocorre fracionadamente, durante as poucas horas de lazer entre os dias ou noites de trabalho, mas algumas vezes também durante o próprio trabalho, habilita-o a prosseguir em seu desempenho, que por sua vez perpetua o seu trabalho e o dos outros. (MARCUSE, 1966, p. 59).

O desempenho social é alinhado ao desempenho erótico, pois os indivíduos obedientes às normas sociais são recompensados adequadamente, já os que colocam os impulsos sexuais acima das normas sociais são coagidos de acordo com a percepção social de suas ações. O trabalho é tido, então, como algo estrategicamente elaborado para tornar o indivíduo produtivo, abdicando da maior parte de sua vida para garantir os benefícios financeiros, como promessa de felicidade da sociedade capitalista.

Não se pode deixar o indivíduo sozinho, entregue a si próprio. Pois se tal acontecesse, com o apoio de uma inteligência livre e consciente das potencialidades de libertação da realidade da repressão, a energia libidinal do indivíduo, gerada pelo id, lançar-se-ia contra as suas cada vez mais extrínsecas limitações e esforçar-se-ia por abranger uma cada vez mais vasta área de relações existenciais, assim arrasando o ego da realidade e seus desempenhos repressivos. (MARCUSE, 1966 p. 60)

Torna-se claro que o princípio da realidade é responsável por limitar os impulsos do id e tornar o homem mais sociável, embora, de um ponto de vista político, acaba por torná-lo alienado. Destaca-se, nesse processo, a substituição de seus instintos por atividades econômicas

produtivas, com uma falsa sensação de satisfação diante da possibilidade de consumo e ascensão social.

## **Considerações Finais**

O ser humano possui como padrão de comportamento a busca pela satisfação. Através das experiências adquiridas ao longo da vida, com suas decisões objetivando um resultado satisfatório, mesmo que renunciando seus instintos.

A repreensão do ser humano é algo essencial para a organização social, já que a sociedade por si só cria leis, regulamentos e normas para limitar os indivíduos de suas tendências destrutivas que podem causar riscos ao outro, e, até mesmo, a si próprio. O trabalho é outro ponto cultural que se obtém através da repreensão, visto que, espontaneamente, o ser humano não o possui como satisfação instintual, porém a compensação social e financeira obtida através da realização das atividades econômicas o torna atraente como benefício para o indivíduo.

Apesar de ser essencial para a organização social, a repressão não é capaz de eliminar completamente os institutos do indivíduo, o medo do sofrimento causado pelo meio externo prevalece, podendo então aflorar comportamentos indesejáveis contra si e contra os outros. Outro ponto crítico da repreensão dos instintos é a distribuição econômica pois indivíduos monetariamente desfavorecidos não possuem a satisfação plena de seus desejos instintuais, representando um perigo para a cultura pela compensação não satisfatória do trabalho através da percepção de uma troca injusta, podendo gerar violência, ameaças e revoltas.

A religião constitui outro meio de repreensão criado para a organização social, capaz de fazer com que os indivíduos abdicam de seus impulsos e desejos através de uma doutrina, atribuindo um significado à vida e definindo padrões de comportamento sobre o que é certo e o que é errado.

A importância do estudo da repressão para o Ensino da Filosofia está na relação entre os comportamentos humanos e a organização social, os impactos da cultura, tradição e religião na vida do indivíduo, as influências do meio externo nos instintos. A organização social é feita através da repressão, seu estudo ajuda a entender melhor os sentimentos humanos e a busca pela satisfação em detrimento do sofrimento.

### **Referências Bibliográficas**

FREITAG, Barbara. *A Teoria Crítica ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. VOLUME XXI (1927-1931). Edição standart brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da Sociedade industrial*. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.